



A Câmara Municipal de Espinho ESPINHO

# Defesa de Espinho

## SEMANÁRIO REGIONAL NACIONALISTA

DOMINGO  
31  
Dezembro - 1961  
N.º 1553  
Ano III - Sem. VII  
(AVENÇADO)  
Visto pelo C. de Censura

Redacção e Administração: RUA 19 N.º 62 - ESPINHO  
Telefones: 920113 (p. a.) e 920187 (Residência do Director)

DIRECTOR, EDITOR E PROPRIETÁRIO  
BENJAMIM DA COSTA DIAS



Administrador: M. BRAGA DIAS  
Comp. e Imp. na TIPOGRAFIA ESPINHOENSE - Rua 14 - Telef. 920187

## Portugal Imortal

O crime hediondo praticado pela União Indiana contra Goa, Damão e Diu, tinha de entrar no tempo como coisa certa e segura. Realizou-se, para contentamento de um hipócrita que dizia seguir as directrizes do mahatma Gandhi, mas causando viva repulsa em todo o mundo não comunista. As Nações Unidas falavam, mas o miserável veto de Moscovo sancionou o assalto do seu aliado, fazendo calar a voz do direito e da razão.

Os criminosos trilham a mesma estrada, e apertam-se as mãos a escorrer sangue das vítimas inocentes, sem que sejam chamados à teia dos tribunais respectivos.

Tal qual como Hitler, Krushev e o Pandita arriscaram-se nos mesmos caminhos tortuosos e cheios de sombras à espera que lhes surgisse a primeira vítima para ser imolada. Justificação?! Não precisam de procurar muito, porque os seus nefandos pensamentos procuram convencer que atacaram para não serem atacados! Como os tempos são diferentes daqueles em que a honra e a dignidade constituíram o padrão do indivíduo, e os relapsos eram escorraçados de todo o convívio social como indesejáveis!

Goa, Damão e Diu eram presas fáceis para um homem sem sombra de escrúpulos, e os heroísmos de hoje não contam para as consciências pútridas. Que importava vencer sem dignidade? A absorção era a única coisa que podia interessar, e nada mais.

Portugal está de luto pesado pela iniquidade cometida, e por tantos portugueses que tombaram num combate desigual e desleal. As ruínas desses nossos territórios clamam vingança contra um crime que não tem perdão, e que revoltou toda a humanidade. Erguem-se vozes em todo o orbe a condenar a perfidia dos promotores e executores da tragédia sem nome, que é a vergonha de uma civilização que morre.

Já foi dito num jornal estrangeiro que os sinos dobram em todo o mundo.

Nunca as expressões tiveram tanto realismo como neste caso, e que antigamente eram puras figuras de retórica. A triste realidade dos tempos!

Para as vítimas inocentes dessa parcela nossa, que foi nossa durante 451 anos e sempre respeitada por todos, vai a nossa inteira solidariedade. Os corações encontram-se irmanados na mesma dor, são irmãos nos mesmos sentimentos de repulsa e de paixão lutuosa.

Para os soldados e marinheiros que tão alto ergueram a nossa Bandeira, imaculada de criminosos atentados, vai a nossa homenagem viva de gratidão pelo exemplo que souberam dar ao mundo, como perfeitos émulo dos maiores heroísmos de todos os tempos. Eles escreveram novas epopeias, para os quais faltam os estros de Camões para continuarem os «Lusíadas», em cantos sucessivos.

Pode bem dizer-se que se conduziram como espartanos, na bravura e na sensibilidade das almas, pela honra da Nação. São autênticos continuadores dos Albuquerques, dos Gamas, de todos quantos «da lei da morte se libertaram», para aumento das glórias pátrias e da civilização a que pertencemos, e que não deixaremos de continuar a defender para que não morra.

Eram poucos, mas valeram por muitos no sacrifício, e a glória nunca mais os deixará de focar nos seus clarões de eterna luz, enquanto não desaparecerem os últimos e verdadeiros campeões das liberdades que dão a essência de vida às pátrias. Eles vivem dentro de nós.

O último reduto da civilização cristã na Índia desapareceu, mas perdurará como exemplo apontado às gerações mundiais. Temos fé em que um dia, aniquilados os déspotas, surja o arco-iris da paz e da justiça, para que possamos reintegrar essa província no lugar de onde foi roubada.

RUI DE FARIA

### Cofre de Caridade Farmácia de Serviço, HOJE

Destinado aos pobres protegidos do nosso jornal, recebemos do n.º prezado assinante e amigo, sr. Alvaro Antunes Moura, a quantia de 200\$00.

Os nossos agradecimentos.

Rua 19

Tel. 920320

### Higiene

### Boas Entradas!

O Director deste semanário saúda a todos os seus dignos assinantes, anunciantes e Amigos, incluindo os seus dedicados colaboradores e correspondentes, desejando-lhes FELIZES ENTRADAS no Ano Novo, e formulando sinceros votos de que este lhes proporcione a satisfação das suas legítimas aspirações.

Igualmente formulamos os melhores votos por que o Ano Nascente traga melhores dias à nossa querida Pátria, compensando-nos, a todos os bons portugueses, dos desgostos que estamos sofrendo actualmente.

Boas-Entradas, pois!

### Mensagem do ANO NOVO do Chefe do Estado

Amanhã, às 13 horas, S. Ex.ª o Presidente da República, através da Emissora Nacional, proferirá a sua habitual mensagem do Ano Novo.

A mensagem será repetida à noite, e a Radiotelevisão transmitirá também, as palavras do supremo magistrado da Nação.

### O SR. PRESIDENTE DO CONSELHO discorrerá no dia 3, na Assembleia Nacional

O Mundo Português aguarda com a maior ansiedade o discurso que o sr. Dr. Oliveira Salazar proferirá na Assembleia Nacional na próxima quarta-feira, dia 3 de Janeiro.

Um grupo de patriotas tomou a iniciativa de dirigir um convite aos portugueses para se reunirem naquela dia, em frente do Palácio da Assembleia Nacional a fim de demonstrarem ao sr. Presidente do Conselho a unidade da Nação perante a cobarde invasão do Estado da Índia Portuguesa.

### Atitudes Patrióticas

Do nosso prezado conterrâneo e assinante em Coimbra onde é digno Chefe da Secretaria do Grémio dos Industriais de Padaria, recebemos a seguinte carta que gostosamente transcrevemos:

Coimbra, 27 de Dezembro de 1961.

Senhor Director da «Defesa de Espinho» ESPINHO

Meu Ex.º Amigo e Sr. Benjamim Dias:

A propósito da revelação feita, através do último número do nosso querido semanário «DEFESA DE ESPINHO» e que V. tão proficentemente dirige, e sob o título «ATITUDES PATRIÓTICAS», não permitiu a nossa sensibilidade de português e como cristão, quedarmo-nos silenciosos ou indiferentes ante o gesto tomado pelo Senhor Professor Sá Couto que, embora não tenha a honra de conhecer, satisfaz-nos deveras em sabê-lo nosso conterrâneo. Assim foi que lhe endereçamos o seguinte telegrama:

«ATRAVÉS «DEFESA DE ESPINHO» ATITUDE PATRIÓTICAMENTE TOMADA, SAÚDA DESASSOMBRADAS MENSAGENS».

Aqui queremos, igualmente e por intermédio do V. conceituado semanário, protestar-lhe mais uma vez o nosso incondicional APOIADO, já pelo seu nobre desassombro, já pelo cunho de insofismável sinceridade posta em destaque quando se insurge — e com justificada razão — contra o falso catolicismo (quem sabe se de

Continua na 2.ª página

## Convivências desastrosas

Nehru atacou a Índia Portuguesa depois de saber que a nossa mais antiga aliada se aliaria com os soviéticos, para que fosse levada a efeito a miserável agressão.

Os tratados de aliança determinam o imediato auxílio a favor da outra nação que for atacada, como foi o caso de agora contra Portugal. Mas a iniquidade havia de ficar sepultada na ignomínia de quem a consentiu, e mais ainda de quem favoreceu a invasão contra nós.

O sangue derramado pelos portugueses, ontem em Dadrá-Nagar Aveli, e agora em Goa, Damão e Diu, ficará a enodoar para sempre os realizadores do drama, e os convintes da carnificina, sem honra por parte dos sicários, que perderam todo o controle dos actos dignos de outros tempos. Portugal ficou a sangrar na sua carne retalhada pelos bandidos, que fizeram da desonra o seu mais claro pendão, mas deixou agrilhoados os seus aliados à pureza dos nossos compromissos honrados.

Em 1945, durante um banquete oferecido na Embaixada Inglesa ao nosso Presidente da República, o diplomata inglês fez a seguinte confissão a respeito do medo cavalheiresco como Portugal serviu os interesses da Inglaterra desde 1939-1945:

«Dentro dos limites impostos pela neutralidade, uma neutralidade de positiva vantagem para nós, Portugal nunca esqueceu as suas largas obrigações para com o seu velho aliado. Deu provas disto quando aceitando o risco que isso representava, respondeu sem hesitação ao nosso apelo à aliança e nos concedeu certas facilidades nos Açores que provaram terem contribuído para a nossa vitória muito mais talvez que geralmente se pensa.»

Agora, a aliança foi interpretada diferentemente, quando invocada a nosso favor.

De vez em quando é preciso recordar estas verdades que andam esquecidas por conveniência de quem falta aos mais elementares princípios da convivência social, e aos ditames da honra que ficou comprometida.

Em 1946 uma divisão da Home Fleet, à frente da qual vinha o «Nelson», visitou Lisboa. Durante as boas vindas, quando diferentes foram então do procedimento de agora! — o comandante da esquadra, almirante Syfret pronunciou estas palavras: «Durante a recente tremenda guerra, os serviços que Portugal prestou ao meu país foram tidos em alto valor e talvez em parte nenhuma mais do que no Almirantado Britânico durante os dias sombrios da batalha do Atlântico».

Mais transcrições? Não vale a pena, porque já chegamos para se fazer luz sobre o nosso contributo à face da aliança, e escrever para a história das nossas relações diplomáticas, para falar apenas nos tempos actuais.

Como fomos nós tratados, em contrapartida, nas duas agressões dentro do mesmo ano?

Como foram cumpridas as cláusulas assinadas quando da cedência das bases dos Açores, em 1943, e pelas quais se garantia, pela nossa aliada, «a soberania portuguesa sobre as colónias portuguesas»?

Responderão a isto a dignidade de quem firmou as assinaturas nos documentos agora mudados em farrapos de papel, e a consciência de quantos ainda mantêm intactas as noções da honra.

Portugal foi ultrajado por quem não tinha o direito de nos conspurcar, porque ao assinar um compromisso, nunca se pode pensar na indignidade do outro contratante.

São alianças unilaterais e mais nada?!

De que nos servirão nesse caso?

Um membro da Comunidade Inglesa ataca-nos em condições desconformes, e a nossa aliada fica a defender a iniquidade, em vez de punir quem ultrajou o Direito?!

RUI DE FARIA

### Magnífico Concerto de Música de Câmara

promovido pela Academia de Música de Espinho

(Subsidiada pela Fundação Gulbenkian)

Como estava anunciado, realizou-se no dia 25 à noite no Teatro do Grande Casino de Espinho, mais um concerto organizado pela Academia de

Música de Espinho, para fecho dos Recitais de Outono. Este foi preenchido pela Orquestra de Música de Câmara — Pró-Música de Porto, da qual fazem parte vários elementos da Orquestra Sinfónica e é dirigida pelo maestro Haydn Beck. Espectáculo de alto nível artístico subsidiado pela Fundação CALOUSTE GULBENKIAN — e que pela primeira vez Espinho teve a honra de ver actuar. O programa foi preenchido com obras de autores clássicos e modernos. Na primeira parte nada menos de três

Continua na 2.ª página



A Intenção de René Descartes

**D**IZER que René Descartes é o pai do idealismo não é uma afirmação gratuita sem fundamento histórico-filosófico. Mas, afirmar que o pensador francês é o pai do existencialismo contemporâneo parecerá, nas primeiras reacções intelectuais, um absurdo latente nas coordenadas ideológicas daqueles que nos lêem.

Admitamos, por agora, o absurdo e desenvolvamos o princípio cartesiano naquilo que ele tem de essencial, útil e comum à filosofia idealista ou panlogista dos exímios mestres alemães, Kant ou Hegel.

Descartes, o mais genial de todos os filósofos franceses, partiu do pressuposto seguinte: a filosofia ainda mal encaminhada, tem-se desviado das coordenadas naturais do espírito humano e, por isso, a Humanidade pouco aproveitará se continuar a trilhar esse caminho. Mais: perder-se-á infalivelmente.

No entanto, porque o insigne matemático francês é essencialmente filantropo, não quer coadjuvar na autodestruição do homem, mas antes, desviá-lo do precipício eminente que o esperava.

Invoca o auxílio divino pedindo à Virgem do Loreto que o ilumine nas suas tarefas intelectuais. Quer descobrir um princípio seguro, claro e evidente que constitua a base de toda a filosofia.

Ei-lo, um dia, nas verdejantes margens do Danúbio combatendo ao serviço dos bávaros. O frio era intenso. A neve estendia-se aos lençóis, pelas campinas e o sinco dependurava-se, aos farrapos, dos ramos das árvores nuas.

Descartes, solitário e meditabundo, entretinha-se com suas cogitações profundas procurando desvendar o princípio base de toda a filosofia.

Num momento de inexprimível felicida-



tendências adquiridas nos meios académicos às quais não sou capaz de renunciar.

No princípio cartesiano não vejo mais que dois termos: pensamento e existência.

Não falta quem o interprete dizendo: «existio porque penso»; outros invertem-lhe o sentido e dizem: «penso por existio». Quer dizer: uns concluem o pensamento baseado na existência, outros arrancam do pensamento para concluir na existência.

No meio de tudo isto há uma certeza clara e distinta: «penso logo existo». E isto disse Descartes. Nada mais.

Procurando envolver o princípio cartesiano os filósofos posteriores seguiram dois caminhos, os quais, ainda que opostos, se completam mutuamente.

O primeiro termo, isto é, «o pensamento» foi seguido principalmente pelos filósofos alemães culminando esta directriz no sistema panlogista de Frederico Hegel.

A Filosofia da Existência

Desenvolvida a primeira parte do entimema cartesiano, o homem não se sentiu satisfeito nem seguro no mundo ideal que a dialéctica hegeliana lhe tinha traçado.

A realidade existencial não se podia reduzir a um conjunto de relações lógicas. Com elas não podíamos explicar a realidade da dor, os transeps aflictivos de uma Europa precipitada na autodestruição, nem sequer podíamos defender que a trajetória de uma granada ou a explosão de uma bomba pudessem explicar-se pela simples aplicação do método «teso-análise» formulado por Hegel.

O idealismo melhor, podia explicar tudo, inclusivé a catastrófica situação da Europa do seu tempo. Explicava... mas não remediava. Era necessário explorar um novo caminho capaz de encher o vazio da alma humana, de definir a posição existencial do homem e de analisá-lo nos seus termos concretos.

Surge, então, a filosofia da existência que, nos seus termos gerais também é filha de Descartes. Depois do idealismo é esta nova filosofia que se pode chamar, com razão, filha do pensador francês.

No entanto, não julguemos estas afirmações num único plano de dedução lógica. Assim como Descartes não foi idealista no sentido de Kant ou Hegel, assim também não definiu esta corrente filosófica actual chamada existencialismo. Pelo contrário, foi alheio, nos seus princípios básicos tanto ao idealismo como ao existencialismo.

Tudo o que escrevemos não o afirmamos como sistema, mas como método de estudo. Deste modo parecer-nos-á fácil concluir na conciliação das primeiras afirmações que enctaram esta crónica: «Dizer que Descartes é o pai do idealismo não é uma afirmação gratuita sem fundamento histórico-filosófico». Quer dizer: se colocarmos o pensador francês no ponto de partida da evolução filosófica europeia é lícito afirmar que ele lançou a semente do sistema idealista.

«Afirmar que o pensador francês é o pai do existencialismo contemporâneo parecerá, nas primeiras reacções intelectuais, um absurdo latente nas coordenadas ideológicas daqueles que nos lêem».

Se tomarmos esta afirmação como método de estudo ninguém poderá negar-nos a sua validade. No entanto, se a tomarmos como sistema, falharemos por completo, perdendo-nos no obscurantismo das afirmações gratuitas e sem razão.

Este método de estudo justificará a próxima crónica que dedicaremos à filosofia existencialista contemporânea.

Júlio Silva

Nas Origens da Filosofia Moderna

dade resolve aplicar o método matemático à ciência filosófica. No entanto, todo o método exige um ponto de partida.

Ei-lo a braços com as suas dúvidas. Tão célebres se tornaram que hoje em filosofia, os mestres costumam fazer uma referência especial à dúvida cartesiana.

E dessa dúvida, que para Descartes era real e sincera, nasce uma certeza: «cogito ergo sum» — «Penso logo existo».

A matemática opera maravilhas no seu campo!

Este entimema constitui o ponto de partida seguro, claro e distinto de toda a filosofia.

Não critiquemos Descartes. Digamos, sómente, que foi cumprir a promessa que fez à Senhora do Loreto, que viajou muito pela Europa e que em 1649, por pedido da rainha Cristina, foi a Estocolmo onde morreu, dias depois, minado por uma horrível pneumonia.

Penso Logo Existo

Deixem-me fazer-lhes uma confissão: nunca gostei de criticar, peiorativamente, Descartes. Se algumas vezes falto a este meu propósito não sou levado por qualquer tendência inata do meu espírito, mas pelo contrário, sou forçado por quaisquer

Este sistema não teve continuadores de valor e, actualmente, se alguns o defendem, não dizem nada que Hegel não tivesse dito na sua tão extensa e profunda obra, ou então — o que é ainda mais grave — atribuem-lhe coisas que ele nunca disse.

Karl Marx, inspirado nesta doutrina e aproveitando ideias doutros pensadores do seu então, formulou o materialismo dialéctico que filosóficamente, não passa de uma péssima adaptação da dialéctica ideal de Hegel à única realidade, para ele, existente — a matéria.

Por isso, considero o idealismo, seja ele apriorista ou fenomenista, seja panlogista, um filho legítimo do primeiro termo do princípio cartesiano.

O materialismo dialéctico, assim como o sensismo francês, considera-os filhos bastardos de Descartes.

Concluindo: o pensador francês, ao formular o seu princípio, conscientemente, não se definiu qualquer posição filosófica. Nem era idealista, nem sensista, nem materialista. Podemos dizer que era um pouco de tudo — e nisso tinha razão. A «sem-razão» filosófica atribuo-a aos críticos fanáticos que pretendem excluir dos critérios de verdade qualquer sistema avesso ao seu.

Vamos ao segundo termo.

JULIO DANTAS

NESTE momento em que a imprensa diária e da especialidade presta homenagem à obra de um insigne escritor, não podíamos deixar passar em branco este tão digno facto e por isso nos propusemos escrever algumas considerações ainda que em linhas gerais sobre a obra e o escritor. A obra é «Marcha Triunfal», o escritor Júlio Dantas. Mas não é nosso intuito falar desta obra em particular, mas referi-la na obra em conjunto.

Júlio Dantas, na poesia, no teatro e nas crónicas transmite-nos o seu lúcido pensamento através de uma linguagem clara, franca esplendorosa, fluente, que assenta as suas raízes na prosa do mais puro clacissismo de um Padre António Vieira.

Na verdade na leitura de «A Tribuna» «Marcha Triunfal» e outras obras-primas, podemos verificar a mesma linguagem desafectada e escoreita, a mesma clarividência de ideias, o mesmo verbo vigoroso do orador de seiscentos. Júlio Dantas é efectivamente senhor de uma prosa aristocrática e lapidar. Toda a sua obra é um fiel e verdadeiro re-

positório da longa e gloriosa história de Portugal. Os livros «Marcha Triunfal», «Pátria Portuguesa» e «Outros Tempos», reflectem o seu amor à Pátria, o culto dos heróis, toda a elevada espiritualidade de um português de lei.

Nestas obras de exaltação patriótica, o insigne escritor numa retrospectiva emocionante dá-nos a conhecer os valores mais altos da grei portuguesa: Os Heróis, os Santos e os Mártires.

Como Almeida Garret, Júlio Dantas, é o apaixonado das tradições, das lendas e costumes, da literatura e da história do seu país. Em todos os seus escritos o protagonista, o herói é só um — Portugal — o seu povo.

Nas páginas dos seus livros o escritor faz-nos muitas vezes emocionar até às lágrimas como no conto «O Tambor» inserto em «A Pátria Portuguesa».

Qual o jovem que não se emociona com a leitura das páginas românticas de «Tambor»? Qual o jovem que não vê em si próprio aquela criança, rufando o tambor, subindo

continua na página 4

Prémio

**A** Alleanza Internazionale dei Giornalisti e Scrittori Latini, de Itália (Associação dos Jornalistas e Escritores Latinos) instituiu o Prémio Portugal, reservado a poetas italianos, franceses, espanhóis e belgas. Patrocinam esta iniciativa o ilustre escritor, embaixador dr. Augusto de Castro, director do «Diário de Notícias», e o dr. César Moreira Baptista, director do S.N.I., organismo que oferece ao primeiro classificado uma viagem a Portugal e de regresso ao seu país.

Constituem o Juri deste concurso: poetisa Natércia Freire, membro de honra em Portugal da Associação; o poeta francês Michel du Sart, director da revista «Ars Una» de Paris; o jornalista italiano Silvio Torres, director do «Giornale di Caserta»; o poeta belga Jean Honorez, director da revista «Hena» de Bruxelas, o jornalista espanhol Isidoro Alonso; o escritor italiano Angelo Maggi, e o jornalista Jorge Ramos, Secretário Geral da Associação.

projecto de salvamento dos dois grandiosos templos de Abu Simbel. Como se encontram encravados na rocha, esse projecto consta em levantar a própria rocha mais alguns metros acima do nível da água que ficará o lago, ficando depois com o mesmo aspecto que tinha antes. Projecto arrojado na verdade o deste eminente engenheiro italiano que leva os entendidos a proclamarem que se trata «de uma das mais grandiosas obras de engenharia dos tempos actuais».

A República Arabe Unida e o Sudão, territórios onde se encontram os referidos monumentos, oferece aos países que ajudarem no seu salvamento, inúmeras obras de arte pertencentes a esses vários templos.

O convite da U. N. E. S. C. O. foi dirigido também a Portugal, um dos Estados membros. Não nos consta ainda que o nosso País respondesse a este convite quer oficial quer particularmente, dando-nos a impressão de ficar assim estranho a este apelo.

Não poderiam algumas fundações e instituições interessarem-se por este assunto de tão real valor?

continua na página 4

POETAS DE ESPANHA

Hoje

de LUIS HIDALGO

em tradução portuguesa de

Jorge Ramos

Hoje sinto amor. Não estou sózinho. Canta uma ave feliz e calma que docemente fez o ninho no arvoredo da minha alma. Hoje sinto amor. E' como um rio como uma chama, como um beijo — um ar azul, tão fugidío que nasce e morre como o Desejo.

Amo a montanha, o mar sem fim, os rouxinhois da alvorada, e aquela lua de marfim que anda no Céu abandonada, Sorri a terra re florida sorri a flor que vai abrir...

Quando há amor, até a Vida, até a Dôr parecem rir...

LUIS HIDALGO nasceu em Santander em 1919. Obras:

«Raiz», «Los Unertos». E' um dos poetas mais representativos da moderna poesia espanhola.

## Terra Encantadora

Espinho terra de amores,  
Nascidos à beira-mar,  
E' como um campo de flores  
A reflectir-se no mar.

A sua praia dourada  
Pelos reflexos do sol,  
Faz medrar a petizada  
Sob o seu guarda-sol.

As suas ruas direitas  
Duma harmonia sem par,  
Foram com certeza, feitas...  
Só para nos encantar;

A sua bela piscina,  
Delícia da petizada,  
Faz vibrar a gente fina  
Em constante gargalhada.

O Parque João de Deus  
Com os seus canteiros de rosas,  
E' onde os amores meus  
Vão caçar as mariposas.

Nesta terra tudo encanta,  
Tudo fala ao coração,  
E' tal qual uma santa...  
Amada com devoção.

Setembro de 1960

Ja roug

## Secção dos Novos



Desde o começo do mundo que a Arte, que conscientemente, se evidencia na vida normal dos seres humanos, pois é um instinto especial que levava (e leva) o homem a aperfeiçoar os objectos de que se servia no trabalho, adornando-os, empregando neles o seu maior esforço, numa tentativa de alcançar o melhor e o mais belo.

A Arte não é um domínio que alcança inúmeros campos com as suas múltiplas manifestações; é, no meu modesto pensar, algo diminuto, concentrado, uma coisa básica, um constituinte de si mesma; é aquilo que demonstra na obra o seu préstimo, a verdade que engloba.

E' em si, a Arte, algo de superior e intraduzível, pois para mim, nas profundezas do meu íntimo, é claro como a pura água cristalina. O que me é penoso é encontrar expressão adequada para formular, com a devida clarividência, a ideia.

Dentro do campo artístico (como em qualquer outro), Portugal tem artistas de envergadura; poderei citar os contemporâneos como José Malhoa, Soares dos Reis, Eduardo Malta, estes na pintura e na escultura; na Música, sem grande esforço de memória, ocorre-me o nome do saudoso professor Fausto Neves, compositor vigoroso, um maestro inspirado, um grande Espinhense; na Literatura, outra briosa ramificação da Arte, valiosamente representada em Espinho pela eminente figura das Letras, contemporânea, o sr. Dr. José Marmelo e Silva. A's Letras, parte integrante da Arte, podem equiparar-se sem desvantagens as outras partes da dita Arte, pois é tão valiosa uma obra literária como um belo quadro, esbelta escultura ou melodiosa composição musical.

Espinho, 12-XI-1961

Conde de Rodrigo

## Vida Incerta

Quem sou eu?  
Não sei,  
Talvez algo de real,  
Qualquer coisa de irreal;  
Olho o espelho,  
Ah! Outro eu!  
Mas este eu não é outro,  
Sou eu!...

Afinal quantos sou?!  
Dois, muitos?!  
Mas quem sou eu?  
O velho professor,  
Espantado e confuso,  
Dizia desconcertado:  
«Ser vivo, humano»  
Contava a história do Mundo:  
Mas isso é velho,  
Estúpido, lendário,  
Eu, porém, quero mais,  
Quero muito mais!  
O quê?!  
Quem sou eu?  
Não sei...  
Não sabeis...  
Ninguém sabe,  
triste incerteza,  
Quem sou eu  
e porque o sou!  
E' cruel ser,  
Sem saber o quê;  
Eu sou eu,  
Sou porque o sou!  
Mas quem sou eu?  
Porque o sou?

J. A. Viale Moutinho

## O Natal na Escandinávia

(Compilado do Serviço de Imprensa da SRS)

Os Correios da Escandinávia têm já a sua tarefa de Natal determinada: responder às cartas que crianças de todo o mundo dirigem ao «Pai Natal, Escandinávia».

Pode parecer estranha a ideia das crianças de que o Pai Natal reside especialmente na Escandinávia. Porém, o Natal na Escandinávia, é celebrado tão carinhosamente e durante tanto tempo, como certamente em mais parte alguma do mundo.

O Natal começa na Suécia com o dia de Santa Lúcia — Dezembro 13 — em que se celebra a festa da Rainha da Luz. Em Estocolmo, efectua-se uma parada nocturna, à luz de archotes, em honra de Lúcia e suas damas de honor, que termina com um banquete na Câmara Municipal. Esta tradição já se vem estendendo a outros países de grande população escandinava, como sejam os Estados Unidos.

Este ano — pela primeira vez — a França vai eleger as suas Lúcias, para participarem na parada de Estocolmo.

A medida que o Natal se avizinha, as ruas das capitais Escandinavas, lembram o país dos sonhos. Giraldas de luzes e de símbolos de Na tal, são pendurados ao longo das ruas e as montras são ricamente decoradas com motivos de Natal.

Na véspera de Natal, as igrejas na Dinamarca e na Noruega, ficam repletas de fiéis que vão assistir ao serviço especial, após o qual todos os sinos repicam anunciando o princípio do Natal.

Em toda a Escandinávia, o Pai Natal chega na véspera de Natal para fazer a entrega dos presentes.

Na Suécia, os serviços religiosos são celebrados ao amanhecer do dia de Natal. As igrejas são iluminadas com centenas de velas. Na província, ainda é costume os fiéis dirigirem-se à igreja em trenós, à luz de archotes.

O grande jantar de Natal varia em iguarias, de país para país. Na Dinamarca, o clássico ganho tem as honras da noite; na Noruega são as costeletas e na Suécia o fiambre cozido. Mas em qualquer destes países, é o jantar de Natal a refeição mais suntuosa de todo o ano.

Entre o Natal e o ano Novo, como os negócios estão quasi parados, as famílias aproveitam para fazer umas férias de inverno. Visitantes estrangeiros, nesta altura do ano, têm as melhores oportunidades para se divertirem em competições de ski, corridas de trenó e danças folclóricas.

Quem corre chega depressa mas, também, cança primeiro e às vezes, ainda, tropeça no momento derradeiro.

Quem na vida não se ajeita pela mágoa que o devora, faça uma trova bem feita que a mágoa se vai embora.

Saudade: palavra triste, de grande repercussão: lembrança de alguém, que existe guardada no coração.

Zela por tua riqueza; não desperdices, porém: o pão que te sobra à mesa pode estar faltando a alguém.

Águas brancas da cascata; presta-me um grande favor: buscai através da mata notícias do meu amor.

Deus está em toda parte; quem disser que assim não é nega os princípios da arte, da humanidade e da fé!

## JULIO DANTAS

continuação da página 3

pela colina, cumprindo ordens de Napoleão, contra a feroz metralhadora das baterias inimigas, enquanto atrás de si os soldados hesitam num espasmo de terror?...

Se na verdade o escritor nos faz chorar em algumas das suas páginas, faz-nos sorrir em outras. Acontece assim em algumas passagens de «Ceia dos Cardeais», peça de teatro em verso, onde é também grande cultor. E' com efeito ostonor de uma fina e elegante ironia que faz aflorar aos lábios do leitor um sorriso de bonomia.

Atente-se por exemplo no tom irónico do seguinte passo de «A Ceia dos Cardeais» em que o poeta a respeito de uma aventura amorosa faz dizer ao Cardeal Rufo:

«... Não matei em duelo o Sol,  
[pelas alturas,

Só para não deixar Salamanca às escuras!...

e mais adiante acrescenta:

«... E se os não matei a todos,  
[na verdade

Foi p'ra não se fechar a Universidade!...

Atentemos agora neste outro passo de autêntica poesia lírica, inserta ainda em «A Ceia dos Cardeais» e também na boca do Cardeal Rufo:

«... Para mim, o amor era o duelo apenas.

Batia-me ao acaso, enfim, por [qualquer coisa,

Um beijo, uma mulher, uma [pedra preciosa,

Uma flor que se atrai, asa de [ouro pelo ar,

A esmola de um sorriso, a graça de um olhar...»

Isto sim, isto é do mais puro lirismo que emana da pena de um excelso poeta do amor. Que diferença dessa outra a que nos habituaram alguns pseudo-poe-

## Os Monumentos do Antigo Egipto

continuação da página 3

A oferta de obras de arte, não será só por si suficiente para que essas instituições e fundações patrocinassem também este movimento de salvação?

Parece-nos que sim. Seria prestar sem dúvida um alto benefício à cultura portuguesa.

Por isso, e a bem da cultura portuguesa, também nós lançamos aqui embora com a nossa voz humilde, o apelo aos órgãos oficiais e particulares para que se juntem àqueles autênticos pioneiros da arte dos outros países, não só para «conservar» um legado dos tempos do passado, como também para enriquecer os nossos museus de obras de arte de tão grande valor arqueológico.

Espinho, 27-11-61

Francisco Manuel do Couto

tas apresentando-nos pseudo-poesia que se perde em malabarismos ocios e que nos faz perder a meio da sua leitura em subterfúgios de pensamento estéril. Não, a poesia suave de Julio Dantas é sentida, tem algo de espiritual que nos vivifica e nos faz adivinhar a grandeza moral da sua alma excelsa.

Alem destas obras que mencionamos o douto académico legou-nos ainda as peças de Teatro: «Os Crucificados», «O Que Morre de Amor», «Repos-teiro Verde» e os «Sonetos».

Relativamente aos «Sonetos» desabafa ele num deles cujo título é precisamente «O Soneto»:

«... Demais viveu em ti aprisionado [nada

A asa vibrátil do meu pensamento...»

«... Demais sofri a dura disciplina [plina

Da tua chicotada de quatorze [versos...»

Efectivamente como magnífico burilador do soneto Julio Dantas ombreia sem favor, com Camões, Bocage e Antero. Enfim, Julio Dantas, pela grandiosa obra que realizou, sendo uma das maiores glórias das letras portuguesas, ficará imortal ao lado do glorioso escol da Literatura Portuguesa.

## Trovas e Trovadores do Brasil

por AMANDIO NAIÁ

O nosso objectivo na divulgação da trova brasileira, nem sempre tem sido compreendido por alguns elementos afectos à Literatura Portuguesa, o que não significa de forma alguma que não prossigamos, sem quebras, nem falta de entusiasmo, que sempre nos caracterizou, quando pomos em marcha uma ideia que nos é querida.

Na divulgação das manifestações artísticas ou literárias do Brasil que temos vindo a fazer com regularidade quase cronométrica, somos impulsionados — será este o termo próprio — pelo desejo de tornar conhecido cada vez mais entre nós tudo o que é Brasil, mormente o Brasil intelectual. Situamo-nos, assim, no alheamento de correntes literárias, para simplesmente nos preocuparmos em trazer até nós tudo o que constitui a literatura brasileira de hoje, quer se trate de novas vestimentas literárias, quer daquelas que ainda conservam o facies do passado.

Nos dez jornais portugueses que me abriram francamente as suas portas, quer para a simples apresentação das produções literárias do Brasil, quer para uma explanação mais profunda dos autores brasileiros, quer para crítica às obras que nos são enviadas, pusemos de lado as nossas próprias preferências e mantivemo-nos absolutamente independentes, interessando-nos todas as formas de manifestação do pensamento dos intelectuais nossos irmãos, sem darmos preferência àquelas que mais se ajustam com o que sentimos, vivemos ou somos, em deprimimento das demais.

Deste modo, temos vindo a divulgar na nossa Imprensa todos os géneros de poesia brasileira, independentemente da época ou da escola seguida pelos seus autores.

Não há, pois, nem interesse particular da nossa parte, nem intenção subjectiva na divulgação da poesia brasileira. Há simplesmente o interesse de dar a conhecer todas as manifestações do espírito artístico dos poetas que na outra banda do velho Atlântico continuam a ser um pouco ou um muito de nós próprios, não fossem eles os nossos melhores herdeiros!

Prossigamos, portanto, a ouvir o Brasil, através da sua alma:

Ivo dos Santos Castro

### TROVAS

(3.ª Coletânea)

Gosto da rosa vermelha — primor das obras de Deus — porque muito se assemelha ao fulgor dos lábios teus.

Ontem você, de partida, disse que não me quer bem; não me dói a despedida: vai-se um amor, outro vem.

O trovador se renova, má vida fazendo boa: solta nas asas da trova a mágoa que lhe atordoa.

Sou rico, sou abastado, muito embora sem tostão: sou tranquilo, conformado e limpo de coração.

Quem nunca sentiu saudade nunca amou sinceramente: pois todo o amor de verdade tem a saudade presente.

Meu coração vive triste desde quando te perdi pois, nêle teu nome existe e, há muito, não sei de ti.

Fiz minha casa na serra, um vento mau derrubou: meu castelo foi por terra quando você me deixou.

Meu coração peregrino vai por aqui, por ali, mas, por força do destino, nunca se afasta de ti.

Sonhei co'um anjo sorrindo certa vez; não sei porque aquêle sorriso lindo fez-me lembrar de você.

Se eu tivesse da poesia conhecimento profundo, com teu nome escreveria a maior trova do mundo



# TIPOGRAFIA ESPINHENSE

Benjamim da Costa Dias

Trabalhos tipográficos em todos os géneros nos mais modernos e variados tipos

JORNAIS    CARTAZES    RECLAMOS

Ruas 14 e 33    Espinho    Telefone 92 01 87

## JULIA

CONFEITARIA, MERCEARIA FINA E FRUTAS

Especialidades diversas e Regionais—Depósito dos Vinhos da Real Companhia Vinícola do Norte de Portugal, das Biscotias Paupéris e da Água da Terra Nova  
JULIA BARBOSA LOURENÇO  
Gerência de João Lourenço  
Rua 19, 264    Telef. 920204    ESPINHO

### Padaria Mecânica Pérola de Espinho de FÁRIA & IRMÃO

Especialidade em pão sem fermento artificial, pão francês de luxo, biqui, etc. Fabrico esmerado e higiénico todos os mais modernos maquinismos. A Higiénia é a divisa da Padaria «PEROLA»—Entrada Livre  
Rua 16-231 Tel. 920084 - Espinho

## Colégio de S. LUIS

PRAIA DE ESPINHO Telefone 920060

Internato e Externato para Rapazes  
Externato - 3.º ciclo - para Meninas

Ensino Liceal: 1.º e 2.º ciclos - para Rapazes. 3.º ciclo, 6.º e 7.º de Letras e Ciências - para Meninas e Rapazes (Curso Misto).

Ensino Técnico: Ciclo Preparatório (Industrial e Comercial), Curso Geral do Comércio.

Instrução Primária e Admissão aos Liceus e Escolas Comerciais

## COLÉGIO DE N.ª S.ª da Conceição PARA MENINAS

Avenida 24-ESPINHO-Telefone 920303

Internas,  
Semi-internas,  
e Externas

## M. P. Moreira

Telefone 920051 - Espinho  
fábrica de Guarda-sois

Gabardinas e Sobretudos Camuflý GRANDE MARCA  
Calçado de todas as qualidades, Chapéus de Homem, Malinhas de Senhora, Luvas, etc.  
Grande sortido

## CASA ROLA

Largo da Graçiosa, 37 - Telef. 920616  
ESPINHO

Armazém de Malhas, Atoalhados, Meias, Peugas e Miudezas

Junto e Retalho

## Cervejaria e Restaurante Aquário

Manuel Rodrigues Mourinho  
Rua 19 n.º 28 - Telefone 920377  
Almoços e Jantares - mariscos conservas e cervejas ao copo

## Ao «Ponto Chic»

ANGULO DAS RUAS 8 E 19  
Elias Pereira Tavares & C.ª, L.ª  
Pastelaria e Merceria fina, presunto, fiambre, paio e queijo das melhores procedências - Bebidas finas e diversas especialidades

## Casa Padrão

Francisco Fernandes Padrão  
Rua 16-681 - Telefone 920168  
Agente das Tintas Plásticas e das esmaltes Feccon  
Artigos de picheteiro, bombas, torneiras, louças sanitárias, montagens de quartos de banho, etc.

## Retiro Mina

RESTAURANTE  
Aberto toda a noite  
Rua 62 n.º 40 - Telef. 920815  
ESPINHO

## CONFEITARIA SAMEIRINHO

Especialidade em Bolos, Doces regionais fabricados na mesma confeitaria  
Sala de Chá  
Serviço de Café, Chocolate e Cacao  
Manuel Augusto de Castro  
Rua 19 n.º 196-Telefone 920485  
ESPINHO

## PADARIA CENTRAL

Sociedade Industrial de Padarias de Espinho, L.ª  
Especialidade em pão sem fermento artificial—pão sistema espanhol tosta azeda e biscoito tipo «Valongo». Fabrico esmerado pelos mais modernos e higiénicos processos. A padaria mais higiénica de Espinho. As melhores instalações no género no norte do País  
Angulo das Ruas 14 e 23 - Tel. 920133

## Padaria Ferreira

M. Nunes da Silva & C.ª  
Pão de todas as qualidades fabricado pelos processos técnicos e higiénicos mais modernos  
Especialidade em pão com fermento natural Todos os dias as deliciosas «Vianas d'Austria»  
Séde: Rua 19-245 - Filial: Rua 62-691  
ESPINHO

## Estima, Valente & C.ª, L.ª

FABRICA A VAPOR DE SERRAÇÃO E CAIXOTARIA  
Especialidade em caixas APLAINADAS e MARCADAS para embalagem de figo  
Tel. 920028 - Teleg. ESTIVALENTE - ESPINHO -

## Grande Garagem de Espinho

Clemente Silvestre Rodrigues Sobença  
Estação de Serviço SHELL—Pronto Socorro Permanente—Secções de Mecânica, Chapelro e Pintura—SHELL BUTAGAZ, fogões, fogareiros etc.  
Venda de carros usados  
Rua 62 n.º 264 Tel. 920552 ESPINHO

## Quintas, Faria & Bernardes, L.ª

ARMAZENISTAS DE MERCEARIA CEREAIS E GORDURAS  
Agente em Espinho da Companhia Produtora de Malte e Cerveja Portuguesa CERVEJA PRETA MUNICK e Refrigerantes SCHWEPPE  
Ruas 16 e 25 - Tel. 920190 - Espinho

## Cadinha & Couto

Merceria, Cereais, Azeites  
ARMAZENISTAS  
Armazens e escritório:  
ANGULO DAS RUAS 18 e 25  
Tel. 920052 - ESPINHO

Armazém de Merceria, azeites, farinhas e cereais

MÁRIO FORTUNA COUTO  
Depósito de Açúcar, Toucinho e Gordura  
Telefone 920305  
Rua 9-435 a 447 - ESPINHO

## Adega Paraíso

ALMOÇOS E JANTARES  
Vinhos e Sandes  
Grande retiro fresco ao ar livre para merendeiros DORMIDAS  
Rua 23-720 - Telef. 920674 - Espinho  
Aberto até às 2 da manhã

## Padaria e Confeitaria «Modelar»

a casa mais elegante de Espinho neste género, mecanizada pelos mais modernos processos higiénicos  
MATOS & IRMÃO  
Rua 18, 953-957 - Tel. 920127 - Espinho  
Esmerada fabricação de pão de todas as qualidades. Pão de forma para torradas e sandúches, fabrico especial desta casa.  
Secção de pasteleria e confeitaria  
Filiais em Paços de Brandão

## Padaria Afonso

V.ª de Afonso Ferreira Gaio  
PÃO DE TRIGO E DE MILHO  
Especialidade em fabrico de Pão Integral  
Rua 14-863 ESPINHO Tel. 920169

## HORVA

FABRICA DE MOBILIAS E OBJECTOS UTILITÁRIOS  
Vimes, juncos, mistos e palmito  
Rua 14 N.º 1244-1252 - Tel. 920291  
ESPINHO

## Fábrica HÉRCULES

Afonso Henriques, Sucrs.  
Fábrica Transformadora de Matérias Plásticas  
Apartado 40 - End. Teleg. HÉRCULES  
Telefone, 920144 - ESPINHO

## Casa dos Vidros

de Vidraria ferreira  
Agostinho de Sousa Ferreira  
Depósito de Vidraça em caixa, cortada ou colocada, Molduras para caixilhos, Espelhos, Tijolos e Telhas de Vidro  
Grande desconto para Revenda  
Rua 30 n.º 655    ESPINHO  
TELEFONE, 920750  
PRÓXIMO 'A CENTRAL ELÉCTRICA

## PENSÃO DO PORTO

Junto ao Teatro S. Pedro  
Telefone 920321 - ESPINHO  
PENSÃO RESTAURANTE LUSO-IMPÉRIO  
Junto ao Casino  
Telefone 920294 - ESPINHO  
Proprietário: MANUEL VENTURA

## Serração a vapor DA PONTE DE ANTA

Francisco H. de Castro & Filhos, L.ª  
Banhos, forros aparelhados, madeiras para a construção civil e calçotaria  
Telefone, 920067 - ESPINHO

## LUSO-CELULOIDE de HENRIQUES & IRMÃO, L.ª

Fábrica de Artigos de Celuloide e Plásticos  
Telefone, 920070 • ESPINHO • Apartado, 22  
Bijuterias, Travessas, Travessões, Ganchos, Pontas, Óculos, Espelhos, Calçadeiras, Cartelas para passos, Bolas, Rocas, Bonecos, Máquinas para barbear, etc., etc.

## «Defesa de Espinho»

Preços das assinaturas, por ano:  
Portugal Continental . . . 5500  
Provincias Ultramarinas . . . 6000  
Brasil - semessa semanal - via marítima . . . 8000  
Venezuela remessa semanal - via - marítima . . . 10000  
Idem - via aérea . . . 20000  
Idem - via aérea - Semestre 14000  
NUMERO AVULSO 1520

## MOPE, L.ª (Agência Informadora Comercial)

Proprietária do Boletim «Guia do Crédito»  
A maior Organização estabelecida no País  
PORTO    LISBOA:  
Rua de Sá da Bandeira, 255/1º    Av. da Liberdade, 105  
Telef. 24655 e 28488    Telef. 55419 e 367585  
End. Tel. MOPE    End. Tel. GUIATO



Porto — Gaia — Espinho

Vinhos de Pasto, verdes e maduros

Para as Ex.ªs Donas de casa uma garantia de qualidade em garrações de 5 litros.

A' venda nos bons estabelecimentos

Régua — Torres Vedras

Aquisição directa na origem.

Qualidades esmeradas

Recomendamos também o nosso Vinagre feito de vinhos puros e em garrafas com rolha especial recuperável

Vinho Puro... Alimento Puro...

## fogões a gás butano ou hulha VITÓRIA E PROGRESSO

Das marcas que se impõem  
Fabrico com garantia e assistência técnica da

## Fábrica Progresso

Manuel Francisco da Silva & C.ª L.ª  
ESPINHO

À venda nos estabelecimentos locais:

AGÊNCIA CIDLA — Rua 23 n.º 252  
LOUÇARIA GUERREIRO — Rua 16 n.º 485

PREFIRAMOS FOSFOROS DA FOSFORILLA PORTUGUESA